



**CONTINGÊNCIA, CORRELACIONISMO E
REALIDADE: CRÍTICAS DE SLAVOJ ŽIŽEK
E MARKUS GABRIEL AO PROJETO DE
MEILLASSOUX**

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2024.202.06>

Leonardo Domingos Braga da Silva

Doutorando em Filosofia pelo PPGFIL da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Financiado pela CAPES (DS)

leonardexistimans@live.com

<https://orcid.org/0000-0003-3926-4321>

RESUMO:

Este trabalho examina as ideias filosóficas de contingência, correlacionismo e realidade, com foco nas críticas formuladas por Slavoj Žižek e Markus Gabriel ao projeto de Quentin Meillassoux. Žižek destaca uma crítica à absolutização da contingência em Meillassoux, argumentando que o filósofo não consegue verdadeiramente superar o correlacionismo kantiano. Žižek, ao contrário, defende a correlação transcendental como parte integrante da própria coisa em si, enfatizando a importância de entender a relação entre como as coisas são em si mesmas e como aparecem para um sujeito. Por outro lado, Markus Gabriel contribui ao enfatizar os modos de apresentação na constituição da realidade. Ele aborda a ideia de que a diferença entre como as coisas são em si mesmas e como são apresentadas é constitutiva da realidade. Gabriel explora a diversidade de modos pelos quais a realidade se manifesta, destacando a complexidade da relação entre sujeito e objeto. O texto também aborda a crítica de Žižek ao projeto meillassouxiano de buscar o em si *lá fora*, defendendo que a contingência não é apenas um aspecto externo à subjetividade, mas também inerente ao próprio sujeito como um corte no circuito da causalidade natural. Ao longo do artigo, são evidenciadas as divergências e contribuições desses filósofos, proporcionando uma análise aprofundada das relações entre contingência, correlação e a natureza fundamental da realidade. A interseção dessas críticas fornece uma perspectiva de leitura sobre os desafios e implicações da abordagem de Meillassoux no cenário filosófico contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE:

Realismo. Materialismo. Contingência. Necessidade. Ontologia e Metafísica.

CONTINGENCY, CORRELATIONISM, AND REALITY: CRITICISM BY SLAVOJ ŽIŽEK AND MARKUS GABRIEL OF MEILLASSOUX'S PROJECT

ABSTRACT:

This paper closely examines the philosophical ideas of contingency, correlationism, and reality, focusing on the criticisms formulated by Slavoj Žižek and Markus Gabriel of Quentin Meillassoux's project. Žižek highlights a critique of the absolutization of contingency in Meillassoux, arguing that the philosopher fails to truly overcome Kantian correlationism. Žižek, in contrast, defends transcendental correlation as an integral part of the thing-in-itself, emphasizing the importance of understanding the relationship between how things are in themselves and how they appear to a subject. On the other hand, Markus Gabriel contributes by emphasizing modes of presentation in the constitution of reality. He explores the idea that the difference between how things are in themselves and how they are presented is constitutive of reality. Gabriel delves into the diversity of ways in which reality manifests, highlighting the complexity of the relationship between subject and object. The text also addresses Žižek's critique of Meillassoux's project of seeking the thing-in-itself 'out there,' arguing that contingency is not merely an external aspect to subjectivity but also inherent to the subject itself as a cut in the circuit of natural causality. Throughout the paper, the divergences and contributions of these philosophers are highlighted, providing an in-depth analysis of the relations between contingency, correlation, and the fundamental nature of reality. The intersection of these criticisms offers a comprehensive perspective on the challenges and implications of Meillassoux's approach in the contemporary philosophical landscape.

KEYWORDS:

Realism. Materialism. Contingency. Necessity. Ontology and Metaphysics.

“Right now all sorts of events appear in all sorts of regions in the universe that no one will ever observe or even be in a position to observe, which does not mean that these events are less real than my computer” (Gabriel, 2015, p.168).

1 O correlacionismo e a contingência de Meillassoux

Meillassoux se destacou nos últimos anos por trazer um realismo especulativo que tenta falar do Absoluto como contingência radical e necessária, em sua obra *After Finitude: Essay on the necessity of contingency* (2008). Tanto quanto sua proposta filosófica, aquilo que ela visa combater (o correlacionismo) se tornaram tema de debates entre diversos autores. A consideração da contingência e de uma ontologia e metafísica realista são fundamentais até mesmo para a vida política, levando a um reforço da democracia na medida em que desafiam premissas absolutas e promovem uma compreensão mais fluida e adaptativa da realidade, entendendo que não existe uma solução única e definitiva para todos os problemas.

Este trabalho aborda como a solução dos problemas do correlacionismo levantados por Meillassoux é lido como problemática por, como este trabalho mostra, Slavoj Žižek e Markus Gabriel. Esses dois autores estarão criticando sobretudo que o correlacionismo leve necessariamente aos problemas que Meillassoux elenca e a metafísica da (necessidade) da contingência que ele coloca como solução.

Como ponto de partida, é preciso pôr os pilares que serão criticados pelos autores levantados neste trabalho. A posição de crítica ao correlacionismo feita por Quentin Meillassoux (2008) é de grande relevância para o debate contemporâneo que busca superar posições céticas e subjetivistas em relação ao conhecimento e à realidade. O correlacionismo é definido por ele como uma concepção de que só podemos conhecer a relação entre sujeito e objeto, sem acesso direto ao em si. Tal visão é entendida por Meillassoux como sendo predominante na filosofia moderna. Há tipicamente, segundo o autor, alguns motivos que os filósofos elencam para defendê-lo: a) o argumento do círculo correlacional conclui que não podemos acessar o em si porque o pensamento sempre mediará qualquer forma de acesso e pensar em objetos independentes do pensamento seria uma contradição; b) a típica mudança de foco do objeto a ser conhecido para o conhecimento mesmo, ou seja, o sujeito e a condição de possibilidade do conhecimento passam a ser o horizonte último de análise¹, pois os objetos são entendidos como relacionados ao sujeito, que tem primazia, anterioridade lógica (pois é ele quem pensa, quem é ativo); c) da facticidade (do fato de que o sujeito é sempre sujeito a múltiplas determinações que o limitam) se conclui que a correlação é um fato intransponível.

Meillassoux destaca nuances dentro do pensamento correlacionista, identificando dois tipos básicos: a) o correlacionista transcendental/fenomenológico, que afirma que tudo o que podemos apreender são correlatos; e b) o filósofo especulativo/subjetivo, que defende a tese da eternidade da correlação. Meillassoux argumenta que o pensamento sobre a hipóstase da correlação não é apenas um correlacionismo, mas uma metafísica que coloca a correlação como seu princípio absoluto. Enquanto o correlacionismo no sentido fraco não nega a existência de algo fora da correlação (logo, algo independente do sujeito) mas considera que tal coisa não pode ser conhecida; o correlacionismo no sentido forte nega a possibilidade de conceber coerentemente uma tal coisa independente; afirmando que tudo o que podemos ter acesso é ao dado ao pensamento (logo, submetido à correlação).

Para Meillassoux, os problemas do correlacionismo são: a) enclausuramento epistêmico e metafísico, o que significa a incapacidade de acessar o absoluto que por vezes assume o caráter de

¹ Meillassoux toma Kant (2015) como exemplar desse desvio: ao argumentar sobre a impossibilidade de conhecer a coisa-em-si, exemplifica a mudança de foco correlacionista: estabelecendo que o conhecimento está sempre enquadrado nas formas puras da intuição e nas categorias do entendimento, limitando-o à experiência sensível e ao sujeito transcendental.

subjetivização do mundo, já que só restariam certezas sobre o sujeito que pensa e não sobre o mundo pensado. b) Perda do grande lá fora (expressão que o autor usa para se referir a uma realidade que seria completamente independente do sujeito) para focar no mundo dependente do sujeito, como celebrenemente Kant (2015) fez. c) Bloqueio da possibilidade de verdade objetiva: ao negar a existência de qualquer coisa fora da correlação sujeito-objeto, o correlacionismo impede a possibilidade de uma verdade objetiva ou de um conhecimento que não seja moldado pela relação do sujeito com o objeto.

Para tais problemas ele adota uma solução: a necessidade da contingência. Meillassoux argumenta que o correlacionismo não consegue lidar adequadamente com a contingência radical do mundo nem com fatos ancestrais (como os fosseis); a ênfase na correlação não permite considerar a possibilidade de que as coisas poderiam ser diferentes do que são, desse modo, o correlacionismo estaria comprometido com o princípio da razão suficiente, segundo o qual, tudo o que acontece tem uma razão ou causa para ser como é, tem uma necessidade. Então, ele defende que tudo que é poderia ser de outro modo, logo, um princípio de irrazão², tudo é necessariamente contingente; uma verdade absoluta e independente de qualquer sujeito e que seria fundamentada na facticidade, i. e., no fato de que as coisas são como são está implícito que não podemos estabelecer que as coisas não poderiam ser diferentes.

Mas, como observa Moshe (2013) Meillassoux afirma ter um conhecimento especulativo de um real conceitual (a modalidade contingência) que seria não-metafísico por não ser um ente que existiria necessariamente, mas exatamente a necessária impossibilidade de existência de um ente assim. Problemas começam assim que fazemos a pergunta: o princípio da contingência deveria se aplicar a si mesmo? A contingência não parece um conceito ou ideia pairando acima dos fatos (não sendo, pois, capaz de fugir do idealismo)? Segundo Moshe, O tradutor para o inglês da obra de Meillassoux foi um dos seus primeiros críticos, dizendo que ele não deveria ser capaz de dar uma existência especial àquilo que é pensamento (argumento que será retomado quando falarmos de Markus Gabriel).

² Como afirma: “Nous ne soutenons plus une variante du principe de raison - toute chose a une raison nécessaire d'être ainsi plutôt qu'autrement -, mais bien plutôt la vérité absolue d'un principe d'irraison. Rien n'a de raison d'être et de demeurer tel qu'il est. tout doit sans raison pouvoir ne pas être et/ou pouvoir être autre que ce qu'il est.” (Meillassoux, 2008, p.82), ou, noutras palavras: “Autrement dit, nous affirmons que l'on peut sincèrement admettre que les objets sont capables d'adopter effectivement et sans raison aucune les comportements les plus capricieux. sans pour autant modifier le rapport usuel et quotidien que nous pouvons avoir avec les choses” (Meillassoux, 2008, p. 114-115).

2 A crítica de Žižek

Admirando o gesto de Meillassoux de tomar a facticidade como signo da contingência, Žižek (2020) afirma que Meillassoux critica o correlacionismo por não ir longe o bastante, não ser radical o bastante ao encontrar a insuperável facticidade, que, enquanto tal, nos faria ver que a realidade enquanto fenômeno é altamente contingente, tirando-nos a estabilidade da realidade e impossibilitando conhecer de modo definitivo sua estrutura racional. Então, o reverso dialético feito por Meillassoux, segundo Žižek, é afirmar que assim que as coisas são em si mesmas: contingentes. Ou seja, Meillassoux concebe a contingência que se revela na facticidade não como signo da nossa limitação epistemológica, mas antes como sendo um fator ontológico da própria realidade.³ Mas há razões para discordância com Meillassoux e é o que iremos observar neste momento do texto.

A divergência ocorre quando Meillassoux pensa a contingência como aplicada a tudo. Žižek (2013) trabalha o tema da impossibilidade de falar de um todo que seja completo (algo que, como veremos, Markus Gabriel também o fará, embora com outros argumentos), o que ele explica através do vocabulário lacaniano ao tratar do lado masculino das fórmulas da sexuação (e a relação do todo com a exceção) que se expressaria na proposição *tudo é contingência, exceto a contingência que é necessária*, que teria o reverso oposto no lado feminino da fórmula da sexuação *não há nada que não seja contingente*. Žižek tem preferência pela última proposição (lado feminino), pois não afirma algo sobre o todo e a exceção, sendo a exceção a própria necessidade absoluta da contingência (lado masculino), o que seria contraditório (afirmando que tudo é contingente exceto a contingência), mas afirma algo sob a forma de uma negação (nada tem modo de existência além da contingência), nada dizendo sobre o todo e sobre a exceção. Sobre Meillassoux, ele conclui que “seu erro é conceber a asserção da contingência segundo o lado masculino das fórmulas de

³Outro ponto de divergência está em que Žižek aponta uma queda de Meillassoux em ontologia ingênua de níveis hierárquicos do ser: “Como vimos, o preço que Meillassoux paga por eliminar o complexo Verdade, Evento e Sujeito é o retorno de uma ingênua teoria dos níveis: realidade física, vida, mente. A dimensão transcendental do materialismo transcendental impede esse regresso à ontologia ingênua: (...) Peter van Inwagen em um encontro inesperado da filosofia contemporânea com Hegel) de que objetos ordinários como cadeiras, computadores etc., simplesmente não existem: por exemplo, uma cadeira não é efetivamente, por si mesma, uma cadeira – tudo o que temos é um ajuntamento de “símplices” (objetos mais elementares “arranjados à maneira de uma cadeira”); desse modo, embora uma cadeira funcione como cadeira, ela é composta por múltiplas partes (madeira, pregos, tecido...) que são, em si mesmas, totalmente indiferentes a esse argumento; não há, *stricto sensu*, nenhum “todo” do qual o prego faz parte. É só com os organismos que temos um Todo. Aqui, a unidade é minimamente “para si”; as partes nunca interagem de fato. Como observado por Lynn Margulis, a célula, forma elementar de vida, é caracterizada precisamente pelo mínimo de autorrelação, um mínimo exclusivamente pelo qual pode surgir o limite entre o dentro e o fora que caracteriza um organismo.” (Žižek, 2013, P.543-544). Infelizmente, não há desenvolvimento suficiente desse ponto por Žižek, ele não mostra quais os problemas de cair nessa ontologia de níveis e não demonstra como Meillassoux seria refém dela. O que podemos entender é que Žižek pensa a contingência de tal modo que os níveis ontológicos são separados por rupturas radicais, sem qualquer espaço para tratar de uma evolução para níveis mais altos, como ele afirma (Žižek, 2020, p.148).

sexuação de Lacan” (Žižek, 2013, p.217) ⁴. O não todo é contingente tem o reverso dialético na proposição *o não todo é necessário*. Tal necessidade significaria que há uma continuidade na realidade (o todo e sua necessidade) que seria solapada por cortes e rupturas no fluxo contínuo, opção ainda mais relevante, para Žižek. Deveríamos, pois, pensar a realidade a partir das rupturas:

algo acontece de modo a solapar a necessidade predominante. Dialética implica cortes, interrupções repentinas do fluxo contínuo, reversões que retroativamente reestruturam o campo inteiro... como o ponto final de uma fala, que sempre gera um excesso para além da apreensão racional (por que para aqui? O que isso significa?). (Žižek, 2013, p.21).

A comparação com o ponto final de uma fala destaca a noção de que, nas dinâmicas dialéticas, há momentos de encerramento que, paradoxalmente, geram novas questões e significados não totalmente apreendidos de maneira racional. O questionamento final sobre por que se encerra em determinado ponto e o que isso significa ressalta a imprevisibilidade e a multiplicidade de sentidos que podem emergir no processo dialético. O ponto estabelece um corte que abre para a retroatividade completar o sentido, *post festum*. O ponto é uma surpresa, um algo inesperado que gera um excesso não enquanto uma exceção ao todo (lado masculino), mas enquanto um elemento não totalmente integrado ao sentido racional preexistente, impedindo uma totalização, mostrando que sempre se trata de um não-todo.

O tema da retroatividade é importante para o entendimento da impossibilidade de totalização, pois ela implica que algo de fora do todo sempre pode irromper e modificar o próprio todo, compreensão que Žižek concede a Meillassoux, que admitiria a causalidade retroativa ao assumir que todo milagre prova a inexistência de deus (a inexistência de algo que dê ordem absoluta, dê razão suficiente): “aqui a formulação precisa de Meillassoux: o Novo surge quando aparece um X que não efetiva apenas uma possibilidade existente, mas cuja efetivação cria (retroativamente abre) sua própria possibilidade.” (2013, p.71).

É pela ênfase na retroatividade que Žižek concorda com o argumento de Meillassoux contra considerar como o pensamento humano pôde surgir da matéria, pois ele argumenta que geralmente se faz tal inquirição já tendo a vida humana como ponto de partida para então retroceder para explicar as condições precisas que o universo teria que ter para ser como é (o que seria aplicar o princípio da razão suficiente). O

⁴A explicação das fórmulas da sexuação e os motivos que levam Žižek a essa preferência pela segunda proposição são demasiado complexos para se explicitarem neste trabalho. Um exemplo dessa importância para a argumentação de Žižek: “A afirmação de que “a realidade material é tudo que existe” pode ser negada de duas maneiras: na forma de “a realidade material não é tudo que existe” e “a realidade material é não-Toda”. A primeira negação (de um predicado) leva à metafísica-padrão: a realidade material não é nada, há outra realidade superior, espiritual. Como tal, essa negação é, de acordo com as fórmulas lacanianas de sexuação, inerente à declaração positiva de que “a realidade material é tudo que existe”: como sua exceção constitutiva, ela fundamenta sua universalidade. Se, no entanto, afirmamos um não predicado e dizemos que “a realidade material é não-Toda”, isso simplesmente afirma o não-Todo da realidade sem implicar uma exceção – paradoxalmente, deveríamos dizer, portanto, que o axioma do verdadeiro materialismo não é “a realidade material é tudo que existe”, mas sim um axioma duplo: (1) não há nada que não seja realidade material, (2) a realidade material é não-Toda.” (Žižek, 2013, p.430).

maior problema de tal raciocínio é ser baseado em um cálculo probabilístico que já pressupõe uma totalidade preexistente de possibilidades, ou seja, desconsidera a contingência que permitiria notar que o humano surge do nada, como mais um corte dialético no fluxo orgânico e animal. Mas, provavelmente indo além de Meillassoux, Žižek pensa que a retroatividade significa que o humano cria, no gesto de seu surgimento, suas condições de possibilidade (e sua própria necessidade). De modo similar a crítica da razão suficiente, Meillassoux, segundo Žižek, consegue defender a tese da contingência contra os críticos que veem demasiada regularidade no mundo:

Tendo essas ideias como base, Meillassoux destrói de maneira brilhante o argumento-padrão contra a contingência radical da natureza e suas leis (nos dois sentidos: da validade das leis e das leis em si). Em outras palavras, se é tão radicalmente contingente, como a natureza pode ser tão permanente que se conforme (na maioria das vezes) às leis? Não seria isso altamente improvável, a mesma improbabilidade de o dado exibir sempre o número seis? Esse argumento se baseia numa possível totalização de possibilidades/probabilidades, com respeito à qual a uniformidade é improvável: se não há padrão, nada é mais improvável que qualquer outra coisa. (...) Por isso, deveríamos ler a tese de Marx mencionada anteriormente sobre a anatomia do homem como uma chave para a anatomia do macaco: trata-se de uma tese profundamente materialista, posto que não envolve nenhuma teleologia (que proporia que o homem está “em germe” já presente no macaco, o primata tende imanentemente para o homem). É exatamente porque a passagem do macaco para o homem é radicalmente contingente e imprevisível, porque não há nenhum “progresso” inerente envolvido, que só podemos retroativamente determinar ou discernir as condições (e não as “razões suficientes”) para o homem no macaco (Žižek, 2013, p. 71-72).

A analogia é traçada entre a improbabilidade dessa conformidade regular e a improbabilidade de sempre obtermos o número seis ao lançar um dado. Esse raciocínio desafia a noção de uma totalização possível de possibilidades/probabilidades⁵, argumentando que, na ausência de um padrão, a uniformidade se torna tão improvável quanto qualquer outra ocorrência. Žižek, ao mencionar a tese de Marx sobre a anatomia do homem e sua relação com o macaco, destaca a natureza radicalmente contingente e imprevisível dessa transição, rejeitando qualquer teleologia. A passagem do macaco para o homem não implica um progresso inerente, e a retroatividade é fundamental para determinar as condições, não as razões suficientes, para a presença do homem no macaco. Isso ressalta uma abordagem materialista profunda, onde a contingência e a retroatividade desempenham papéis cruciais na compreensão das transformações na natureza.

Apesar disso, Žižek critica o abandono completo, feito por Meillassoux, do princípio da razão suficiente: “is there anything that allows us to differentiate the *ex nihilo* from the *causa sui*? Doesn’t the abandonment of the principle of sufficient reason amount to a dissolution in the sense of a redistribution of

⁵ Como Moshe (2013) afirma, a saída de Meillassoux, para responder ao problema de porque o mundo não muda o tempo todo, foi conceber que o conceito de possível e provável/improvável não pode ser aplicado pois o mundo seria ontologicamente não-totalizável e a probabilidade já pressupõe condições sempre dadas, excluindo o caos.

power as opposed to an embracement of pure chance?” (2014, P.13). Na crítica de Žižek ao princípio da razão suficiente, ele levanta a questão crucial de se há realmente algo que permita diferenciar o *ex nihilo* do *causa sui* (algo que é causa de si mesmo). Ele questiona se o abandono do princípio da razão suficiente não seria simplesmente uma dissolução, caracterizada por uma redistribuição de poder (criador, divino) para todos os entes, em vez de uma aceitação da pura casualidade. Essa indagação sugere a complexidade de lidar com noções como criação a partir do nada e causa de si mesmo, enquanto Žižek destaca a importância de examinar se a renúncia ao princípio da razão suficiente resulta em uma verdadeira adesão à pura aleatoriedade ou se implica em uma mudança na distribuição de influências e determinações:

From our standpoint, it is here that Meillassoux proceeds too fast and succumbs to the ontological temptation: in a move that repeats Descartes's reversal of radical doubt into an instrument to gain access to the Absolute, his assertion of facticity as the basic feature of reality-in-itself. But what if we do not “ontologize” the lack (or negativity, or facticity), what if we do not use it as a ladder that enables us to jump into a positive vision of reality-in-itself, what if we, on the contrary, conceive the overlapping of two lacks as a gap that thwarts every ontology, so that after endorsing - or, rather, going-through - this overlapping of the two lacks, we have to assume that every (vision of) objective reality remains irreducibly normative, not a fact but something that has to rely on the symbolic normativity? (This is how Lacan reads Aristotelian ontology, more precisely, his definition of essence, *to ti e' n einai* : its literal translation “the what-it-was-to-be” implies a Master's gesture, it is “the what-has-to-be.”) The only non-normative fact is that of the gap of impossibility itself, of the bar that thwarts every ontological positivity (Žižek, 2020, p.27).

Nessa perspectiva, Žižek critica Meillassoux por sucumbir à tentação ontológica, comparando seu movimento ao cartesiano, que transformou a dúvida radical em um instrumento para acessar o absoluto. Ele questiona a ontologização da falta, negatividade ou facticidade proposta por Meillassoux e sugere conceber a sobreposição de duas faltas como uma lacuna dobrada que frustra toda ontologia (a inconsistência do sujeito sobreposta a inconsistência da realidade, numa identidade dos contrários). Žižek argumenta que, após enfrentar essa sobreposição, devemos assumir que toda visão de realidade objetiva permanece irreduzivelmente normativa, dependendo da normatividade simbólica (algo que será retomado ao final do texto, ao tratar do papel do mito e da fantasia na visada metafísica). Ele destaca a leitura lacaniana da ontologia aristotélica, onde a definição de essência implica gestos normativos, indicando o que deve ser. Žižek conclui que o único fato não normativo é a lacuna enquanto a própria impossibilidade.

Um outro ponto de crítica de Žižek é que Meillassoux repetiria o gesto de Lenin (1959) em seu *Materialismo y empiriocriticismo*, afirmando sem mais um acesso direto ao em si, retornando a um realismo

ingênuo. O que Meillassoux não conseguiria notar é o papel do sujeito⁶ e a irreduzível não correlação entre ele e a realidade representada nas falhas em se relacionar com a realidade: por exemplo, a experiência do trauma, não pode ser plenamente simbolizada ou articulada linguisticamente; esse aspecto do real está presente dentro do sujeito, mas não pode ser totalmente integrado no domínio simbólico da linguagem. Como afirma: “What if thinking is indeed, like Meillassoux claims, fundamentally directed toward an outside of thinking, but we, ourselves not ever having been reducible to ‘res cogitans’ in the first place, are not wholly cut off from this outside *qua* outside?” (Žižek, 2014, p.15). Assim, em vez de buscar um acesso direto ao real, destaca-se a natureza sempre mediada e falha da relação entre o sujeito e o real. Em contraste, ele sugere que, do ponto de vista lacaniano, a questão crucial é conceber o real no cerne do sujeito, recusando a ideia de que o real está localizado externamente à correlação.

Por isso que: “Fossil is not the Old the way it was/is in itself, the true fossil is the subject itself in its impossible objectal status—fossil is myself, i.e., the way the terrified cat sees me when it looks at me. This is what truly escapes correlation, not the In-itself of the object, but the subject as object” (Žižek, 2020, p.38). Podemos especular que Meillassoux responderia que esse foco no sujeito não nos dá qualquer realismo, algo que se agrava mais quando Žižek acrescenta: “is precisely such an “imagined” (fantasmatic, virtual) object which never positively existed in reality—it emerges through its loss, it is directly created as a fossil.” (Žižek, 2020, p.39). Meillassoux poderia questionar a validade de construir um objeto imaginado a partir da percepção subjetiva, argumentando que isso não oferece uma compreensão sólida do realismo, nem do absoluto, especialmente se esse objeto emergir apenas através de sua perda. Nesse aspecto, cremos que Markus Gabriel possui uma consideração mais elegante do aspecto subjetivo, como iremos demonstrar.

Recompilando, a solução para os problemas gerados pelo correlacionismo, para Žižek, não passa pelo gesto de Meillassoux em rejeitar o correlacionismo para buscar o em si *lá fora* em nome da facticidade e consequente absolutização da contingência, antes ele assume a correlação como ponto de pivô da solução: a correlação transcendental deve ser entendida como parte da própria coisa em si. A contingência não é somente um fora de toda subjetividade, ela é também o próprio sujeito enquanto o corte no circuito da causalidade natural (2020, p. 53). Assim, Žižek critica a absolutização da contingência em Meillassoux, argumentando que essa abordagem permanece ancorada em um momento kantiano-transcendental: ao passar da incapacidade de Kant em descrever as leis da natureza para uma concepção de natureza

⁶ Markus Gabriel também criticará Meillassoux por não compreender o papel do sujeito: “As Hegel writes, spirit does not reveal ‘some thing, but its very mode and meaning is this revelation ... Subjectivity is, thus, a radical instance of ontological genesis: it consists in its positing itself, in generating a field of sense, and in this This process has no external foothold in sense a world to be inhabited a transcendent realm but rests solely on and in itself.” (Gabriel, 2009, p.42).

desprovida de leis, Meillassoux não conseguiu efetivar seu projeto de superar o correlacionismo. Mas, para Žižek, o correlacionismo kantiano por si só não é problemático, pois ele pensa a diferença entre como as coisas são em si mesmas e como são enquanto aparecem para um sujeito. Um ponto importante, e que não poderemos desenvolver aqui, para entender como Žižek não teme reestabelecer o correlacionismo, está na diferença que ele tem, em oposição a Meillassoux, na concepção de sujeito. Para Žižek (2013) o pôr retroativo dos próprios pressupostos é o movimento essencial de sua dialética, que fundamenta a ação livre do sujeito, sendo, assim, uma versão da mediação subjetiva inerente na realidade objetiva; para Žižek isso não poderia ser reduzido ao correlacionismo, uma vez que ao menos o princípio de razão suficiente se vê rejeitado pois a subjetividade implícita não é nada além do ato que o sujeito faz como negação do “imediato” e da causalidade (liberdade entendida como iniciar uma nova cadeia causal). Além disso, o acesso ao absoluto não foi retirado, ele está precisamente no próprio sujeito e não na facticidade. A aparência é constitutiva da realidade; a aparência é constitutiva do em si (algo que Markus Gabriel, como demonstraremos a seguir, trabalha bem ao teorizar os modos de apresentação).

3 A crítica de Marcus Gabriel

De forma similar a Žižek, como exposto acima, Marcus Gabriel rejeitará a tentativa de Meillassoux de falar da totalidade, i.e., de definir a contingência como absoluto que a tudo se aplica exceto a si mesma. Gabriel concorda com a impossibilidade de haver um ente ou ser necessário: “I fully agree with Meillassoux’s crucial assertion that ‘the absolute is the absolute impossibility of a necessary being.’ (2009, p. 193)”, embora por outras razões, a saber, a defesa de que o mundo não existe, ou, que não existe o domínio de todos os domínios, de modo que tanto a necessidade quanto a contingência não podem ser absolutas. É o que iremos expor neste momento do texto, o qual começará por observar as críticas que Markus Gabriel destina à concepção de contingência absoluta.

Gabriel (2009) diz que o problema é que, a despeito do compromisso com a contingência, Meillassoux postula uma lei suprema, um princípio que governa o caos e que consiste na premissa de que: a coisa em si é conhecível, feita de propriedades primárias (não subjetivas, como a forma) matematizáveis⁷, o que já rompe com a contingência absoluta, uma vez que há um princípio não contingente que governa o que há: propriedades matematizáveis. Outro problema é que não há apresentação de provas de tal premissa sobre as propriedades, pois, segundo Gabriel, o único argumento levantado por Meillassoux é do fóssil

⁷Sobre como Meillassoux pensa o papel da matemática, ver, por exemplo: “La possibilité d’espérer résoudre le problème de l’ancestralité par une absolutisation du discours mathématique.” (2008, p.109) e “il existe une voie mathématique susceptible de conduire à une distinction rigoureuse de la contingence et du hasard, et cette voie est celle du transfini.” (2008, p.142).

ancestral, que deveria nos fazer perceber uma realidade completamente independente do sujeito e seus conceitos, mas não é suficiente para vermos um mundo matematizável e pleno de propriedades primárias. Além disso, para provar a existência de fatos absolutos, não precisamos recorrer ao fóssil: basta pensar que uma supernova teria explodido independente de pensarmos nela ou não. Como afirma Gabriel:

Meillassoux confuses logical and physical past (strictly speaking, there might be no such thing as physical past, but that poses even more problems for Meillassoux). His point about ancestrality should never have been cast in terms of an actual stretch of time before the existence of intelligent beings within the universe, as the point is really about truth-conditions and not about time in the physical or rather common sense of ‘time’. If anything, his point is about logical time, but then ancestrality is, of course, a synchronic category: it does not only refer to facts obtaining prior to say five million bc, but also to unnoticed facts obtaining right now” (Gabriel, 2015, p.295).

A anterioridade lógica é diferente da anterioridade física, de tal sorte que podemos conceber a anterioridade da escrita de uma obra literária em relação ao nosso pensamento sobre ela. Assim, não precisamos da ancestralidade e mais ainda, Gabriel insiste que a ancestralidade não nos livra do ceticismo nem nos dá um realismo: nosso pensamento sobre galáxias não é objetivo por causa de sua existência antes de nossa percepção delas:

Every contemporary maximally modally robust fact, such as the number of planets in our solar system, affords us a glimpse into ancestrality, which also shows that the point drawn from ancestrality ought not to be chronological. There is no need for a mathematical detour through set theory to vindicate our capacity to have truth-apt thoughts about facts that are not themselves truth-apt thoughts, but relations between non-intentional objects. We need not refer to the speculative power of our preferred mathematics to account for this, as the point is much more down to earth: I know that the earth was not identical to the sun before someone ever was around to notice that, unless it happens to be the case that there was no point in the history of the universe without referrers in it (Gabriel, 2015, p.150).

Ao contrário de Meillassoux, Gabriel não pensa que precisamos combater o correlacionismo kantiano para combater o antropocentrismo e abraçar uma concepção realista de sentido e referência⁸. O projeto de Meillassoux é tentar superar a metafísica tradicional (aristotélica) e moderna (kantiana) e salvar o papel da especulação filosófica explorando o que está além dos limites da cognição humana, “However,

⁸ Uma vez que, para Markus Gabriel (2009) aquilo que escapa ao nosso alcance (que Kant chamou de coisa em si) não é nada substancial e nem sequer existe. Neste sentido, como também para Žižek (2013) não existe segredo ontológico separado do segredo de que o mistério não existe. A aparência é aparecer da essência, sem nada além das múltiplas aparências, Gabriel diz: “Essence does not exist as an entity among others which is disclosed to reflection. The in-itself does not exist independent of our activity of conceptualizing it. It is a pure *ens rationale*, the result of our penetrating the ‘veil’ of appearances.” (Gabriel, 2009, p.39). Gabriel (2015) argumenta que sentidos são propriedades dos objetos (modos de apresentação) e não meros modos de olhar para eles. A diferença entre objetos e conceitos é, para ele, funcional e não substantiva; isso significa que sentidos são também objetos. A perspectiva faz parte do próprio objeto e faria mesmo que não estivéssemos aqui. É assim que podemos fazer uma investigação objetiva da ótica (como a física faz) sem se comprometer com o correlacionismo.

his concept of correlationism, albeit intuitively directed at an enemy, is not sufficiently clear.” (Gabriel, 2015, p.284):

Correlationism as officially stated by Meillassoux is not at all the view that we are ‘sealed off from the world’, that we never know things in themselves or are possibly not even able to think them or to define some overall minimal ways they have to be in order to be things in themselves. The epistemological puzzles Meillassoux associates with the subjectivist ‘era of Berkeley’ are not well captured by his underdetermined concept of ‘correlationism’ for the simple reason that according to his definition we, of course, have access to being by thinking it. To claim that being when thought of is a relatum in a somehow epistemically necessary relation, a relation in which we stand whenever we refer to being, is not to claim that we cannot think of things in themselves. It just means that we can only think them or of them by thinking them or of them, which is not a very spectacular, let alone an idealist or sceptical position.” (...) However, correlationism as defined by Meillassoux does not entail the sceptical scenarios he sets out to undermine in favour of speculative thinking, that is, in favour of our capacity to grasp the absolute. Because, trivially, Meillassoux also does not believe that he thinks the absolute without even thinking it, he just believes that thinking the absolute is not thinking the relation between thinking and the absolute, but, well, thinking the absolute. But this is exactly what the correlationist says with the additional proviso (and this is where scepticism might enter the picture) that in thinking the absolute we do not know whether we successfully think it or are prone to some illusion. The correlationist only adds to every thought that there is a possible I think behind it and, therefore, a fallible thinker, which in itself does not entail that we cannot think the absolute (Gabriel, 2015, p.286).

Como podemos ver, Gabriel não concebe o correlacionismo como uma posição que nos afastaria necessariamente da coisa em si, mas como uma posição que afirma que temos acesso ao ser através do pensamento sobre ele, algo que Meillassoux não poderia negar ser verdadeiro. Desse modo, correlacionismo não implica sempre em ceticismo, pois pensar o absoluto não significa necessariamente focar na relação entre absoluto e pensamento. Desse modo, Gabriel conclui que há outro problema incomodando Meillassoux e que não pode ser corretamente nomeado como correlacionismo. O problema real é uma concepção de que as condições de acesso aos fatos e ao absoluto distorcem os fatos. O problema para Meillassoux não seria o correlacionismo⁹, mas o antirrealismo, a ideia de que nada teria existido se ninguém tivesse tido alguma crença sobre ele:

The view that really bothers Meillassoux is, thus, not correlationism, as there are indefinitely many unproblematic (non- subjectivist and anti-sceptical) ways of cashing out the position that there is a correlation between thinking and being, that some conditions always have to be met when we successfully refer to some non-intentional object or other. What bothers him is the idea that our conditions of accessing maximally modally robust

⁹ Markus Gabriel também argumenta (embora consideremos que deveria tê-lo feito com mais detalhes e extensão) que a crítica de Meillassoux ao correlacionismo não leva em consideração a distinção entre teorização ôntica (de primeira ordem) e ontológica (reflexiva). Para efetivamente rejeitar o correlacionismo, Meillassoux precisaria demonstrar que a afirmação ontológica de que o *em-si* só existe como *em-si* para nós leva a uma contradição ôntica. No entanto, segundo Gabriel, Meillassoux não faz essa distinção entre as diferentes camadas de reflexão e teorização, uma omissão comum nos debates sobre idealismo e construtivismo. Em outras palavras, Gabriel sugere que Meillassoux deveria abordar a relação entre a reflexão sobre a realidade e a própria realidade em termos ônticos, o que ele acredita que Meillassoux falha em fazer.

facts and objects embedded in them potentially or even actually distort those facts (Gabriel, 2015, p. 287).

Para tal problema de uma possível distorção feita pelas nossas condições de inteligibilidade ou de acesso ao absoluto, Gabriel considera ter uma solução elegante: sua proposta de novo realismo ontológico afirma que qualquer perspectiva sobre o Monte Etna é tão real e *lá fora* como o próprio Monte Etna. O fato de o Monte Etna parecer uma montanha para alguém é algo que diz respeito ao próprio Monte Etna e não apenas fatos que envolvem o sujeito para o qual aparecem. Além disso, os sentidos são modos de apresentação objetivos (independentes do sujeito) dos objetos. Gabriel considera os sentidos como propriedades dos objetos e não formas de observá-los¹⁰. Notavelmente, um argumento construtivista poderia dizer que sentidos são construídos de algum modo pelo sujeito, perdendo sua objetividade (por implicar que, não houvesse o sujeito para construir os sentidos, os objetos não existiriam), mas Gabriel afirma que mesmo que façamos ou criemos algumas coisas pelo fato de acreditar nelas, isso por si só seria um fato que não fazemos por meio de nossa crença nele. Desse modo, fatos independentes (ou, como ele prefere, fatos modalmente robustos) -e absolutos- estarão sempre garantidos, quer se afirme um sujeito finito e falível ou uma posição cética quanto à coisa em si. Para Gabriel, apreender um fato maximamente modalmente robusto é apreender o absoluto. Em suma, Gabriel acredita que Meillassoux não faz uma filosofia da aparência, em sua tentativa de escapar do correlacionismo, e por isso ele não sabe lidar com o ser e se equivoca ao falar do absoluto, pois a premissa de que um mundo sem sujeito, sem semântica, poderia ser mais verdadeiro (a busca de um olhar sem sujeito), é algo que Meillassoux está buscando sem razão.

Como já mostramos, Meillassoux busca sair do correlacionismo através da contingência entendida como absoluto, mas Gabriel encontra alguns problemas na argumentação que ele faz para chegar nisso. Conforme pensado por Meillassoux, a contingência é pré-lógica pois a lógica é apenas um domínio entre outros, mas, para Gabriel, um domínio de todos os domínios não pode existir, de modo que a contingência deve ser restrita: a) a necessidade ou a contingência só pode ser afirmada segundo condições (lógicas, epistêmicas etc) para um pensamento ser verdadeiro¹¹, tais condições são contingentes, mas a afirmação

¹⁰ Gabriel (2009, p. 35) afirma que para salvaguardar o absoluto de ser arrastado para a esfera da relatividade, temos de instalá-lo no centro da relatividade. Devemos encontrar uma forma de o absoluto se manifestar dentro do relativo sem se tornar relativo. Uma maneira de conseguir isso é o monismo ontológico, segundo o qual a representação (o mundo interno) é ela mesma parte do mundo (externo). Não olhamos o mundo de fora, mas o habitamos de dentro. O modo que Gabriel adota para salvar o absoluto é o pluralismo ontológico: há diversos campos de sentido.

¹¹ Como afirma: “Constructivism and anti-realism are more generally motivated by analyses of truth-conditions for some paradigmatically simple forms of propositional thought about what there is. But if we give up the idea that our projected truth-

mesma não é (pois afirma um fato que poderia ser constatado de qualquer modo, mesmo que nunca o fosse), assim, as condições para afirmar a necessidade são sempre contingentes; b) a contingência e a necessidade são estabelecidas quando pensamos um objeto em um campo de sentido como sendo de outro campo de sentido (como, por exemplo, pensar que Sherlock Holmes, do domínio da literatura, não era um homem de carne e osso, do domínio da biologia¹²); c) contingência e necessidade são modalidades imanentes a um campo de sentido que caracteriza a relação entre um indivíduo e seu campo.

Para Gabriel é uma verdade trivial que não existe uma entidade necessária e que nada existe necessariamente, o que é apenas o reverso da verdade igualmente trivial de que não existe nenhuma entidade contingente; pois os entes não são caracterizados pela necessidade, embora possam estar em relações de necessidade ou contingência dentro de um campo de sentido ou domínio ontológico. As coisas simplesmente são. Além disso, a necessidade e a contingência são imanentes ao campo de sentido no qual podem ocorrer e não um ente ou propriedade que abrangeria todos os campos. Gabriel afirma que nunca poderemos estar em posição de julgar a contingência global de tudo, pois isso pressuporia a possibilidade de visualizar todos os campos e todos os objetos como aparecendo num campo de sentido que é, ao mesmo tempo, capaz de postular a sua própria não-necessidade. A realidade é limitada e não abrangente, o que resulta em sua manifestação em diversas formas. De fato, essa manifestação diversificada constitui uma forma de absoluto, ou mais precisamente, um absoluto relativo, uma vez que não há uma entidade única chamada absoluto, mas sim várias facetas cuja existência não é determinada por nossas crenças sobre elas¹³.

O ponto de encontro de Slavoj Žižek e Markus Gabriel pode ser encontrado na obra que eles fizeram em conjunto *Mythology, madness and laughter* (2009). Nela, eles argumentam que a via para se referir ao todo, ao domínio dos domínios, não é através de proposições (como a de que tudo é contingente), mas de mitologias. Enquanto para Gabriel a impossibilidade do todo é epistemológica, de modo que ele pode concluir que não podemos nos referir a ele com linguagem proposicional, para Meillassoux a não-totalidade

conditions generally matter for how things are, we might grant some terrain to anti-realism, but never give up a realist conception of fields and accordingly of facts.” (Gabriel, 2015, p.163)

¹² Outro exemplo é a afirmação de que unicórnios não existem no campo de sentido da zoologia implicando que ao menos no campo dos mitos ele existe. Se ele é objeto, se tem sentido, se nos referimos intencionalmente a ele, a sua existência é necessária em ao menos algum campo de sentido, mas contingente em diversos outros campos. Como afirma: “There’s no rock bottom of reference where no sense plays a role, which is why I think of the sense/reference distinction as a functional distinction and not as a metaphysical one, meaning it’s not a distinction that characterizes reality” (Gabriel, 2022, p.118).

¹³ Embora negue a contingência absoluta, Gabriel tem um visão que ao mesmo tempo permite falar do absoluto (deflacionado, pois não totalizante) e que abre para pluralidade ontológica e anarquismo metafísico: “There are all kinds of things, and no overarching rule will ever be able to encompass them or to simplify them in the way that one could state any theory’s real metaphysical commitments. The things in themselves are, if anything, metaphysically anarchical” (Gabriel, 2015, p.76).

é ontológica, ou seja, não existe realmente nenhum domínio de todos os domínios, e nenhuma linguagem não-proposicional poderia trazê-la à existência. O problema é que, como vimos, Meillassoux falha e recai numa fala sobre o todo ao afirmar que tudo é contingente.

Como Žižek (2014), Gabriel (2009) pensa que o absoluto enquanto totalidade só começa a ser *a posteriori* (ou *post festum*), como o *objeto a* lacaniano, como um mito, uma fantasia: “se o que vivenciamos como realidade é reter sua consistência, ela tem de ser suplementada por uma ficção virtual” (Žižek, 2013, p.219). Primeiro vem a multiplicidade, ou a própria divisão entre sujeito e objeto, só em seguida vem uma *substância primordial* (absoluta) que seria cindida, como sutura para essa divisão é criado aquilo que é dividido. A ontologia e a mitologia que eles adotam, todavia, foge do escopo deste trabalho.¹⁴

4 Considerações finais

Em conclusão, este artigo considerou as complexas discussões filosóficas em torno dos conceitos de contingência, correlacionismo e realidade, destacando as críticas fundamentais de Slavoj Žižek e Markus Gabriel ao projeto de Quentin Meillassoux. Žižek criticou a tentativa de Meillassoux de absolutizar a contingência, argumentando que o filósofo não conseguiu verdadeiramente transcender o correlacionismo kantiano. Em vez disso, Žižek propôs uma abordagem que incorpora a correlação transcendental como parte intrínseca da coisa em si, enfatizando a relação essencial entre a realidade objetiva e sua manifestação para um sujeito. Por outro lado, Markus Gabriel contribuiu ao enfatizar os modos de apresentação na constituição da realidade, oferecendo uma perspectiva que ressalta a diversidade de manifestações da realidade. A convergência entre Žižek e Gabriel, evidenciada em sua obra conjunta sobre mitologia, reforça a crítica à busca de Meillassoux pelo absoluto fora da correlação. Ambos os filósofos argumentam que a referência ao todo deve ocorrer não por meio de proposições, mas por meio de mitologias, reconhecendo a impossibilidade epistemológica ou ontológica de abarcar completamente a totalidade.

Referências

GABRIEL, M; PRIEST, G. *Everything and Nothing*. Cambridge. Polity press. 2022.

¹⁴ MOSHE (2013), em seu artigo que trata da crítica desses autores a Meillassoux, nota que não há meio de distinguir qual ontologia estaria mais correta, uma vez que elas são fundamentadas em mitologias. No caso da mitologia do hypercaos de Meillassoux: “The fact, overlooked by Meillassoux, that such a world would be indistinguishable from a world in which these phenomenal realms would actually coincide with a noumenon (or noumena) in the habit of flashing into and out of existence ‘at will’ suggests that he has here unwittingly revealed the idealist as his double. The myth of inhuman hyper-Chaos turns out to be internally related to a countermyth of cosmic autopoiesis” (Moshe, 2013, p.3).

GABRIEL, M. *Fields of Sense: A New Realist Ontology*. UK. Edinburg Universit Press. 2015.

GABRIEL, M.; ŽIŽEK, S. *Mythology, Madness and Laughter*. London. Continuum. 2009.

KANT. *Crítica da Razão Pura*. SP. Vozes. 2015.

LÊNIN. *Materialismo y Empiriocriticismo*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1959.

MEILLASSOUX, Q. *After Finitude: Essay on the Necessity of Contingency*. Trad. Ray Brassier. London: Continuum, 2008.

MEILLASSOUX, Q. "Potentiality and Virtuality". In: BRYANT, L. et al. (ed.) *The Speculative Turn: Contemporary Realism and Materialism*. Melbourne: Re.press, 2011. pp. 224-236.

MOSHE, J. *The Night in which All Dinosaurs Wear Nightcaps: A Supplement to Žižek's Critique of Meillassoux*. International Journal of Žižek Studies, v. 7, n. 3, p. 1–22, 2013.

ŽIŽEK, S. *Absolute Recoil*. London. Verso. 2014.

ŽIŽEK, S. *Menos que Nada: Hegel e a Sombra do Materialismo Dialético*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

ŽIŽEK, S. *Sex and the Failed Absolute*. London: Bloomsbury, 2020.

Recebido em: 22/01/2024

Aceito em: 23/06/2024